

2-1-60

O Globo

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### VÁRIAS

A CENTRAL DO BRASIL está contando prosa pelos jornais: não houve uma só catástrofe em 1959. Creio que é a única estrada de ferro do mundo que se lembra de contar isso como vantagem. Queira Deus que em 1960 também não haja nenhum desastre e que a "estrada da morte" deixe de merecer esse nome, mas esperamos que nenhum correspondente estrangeiro se lembre de mandar um "flash" sensacional anunciando que o ano se encerrou sem matança ferroviária nos subúrbios do Rio.

Por falar em correspondente estrangeiro: a maior "barriga" do ano foi, com certeza, a do correspondente da excelente revista "Time", que fez um artigo afirmando que aquela história do feijão estragado vindo dos Estados Unidos era mentira: estivadores comunistas é que teriam levado para o armazém alguns sacos de mercadoria ruim para fazer agitação antiamericana. Hoje está apurado que não somente uma boa parte do feijão era mesmo imprestável, como também houve lucros ilícitos de intermediários, e faturamento fraudulento. O embaixador americano sabe disso tão bem quanto as autoridades brasileiras e deve estar tão empenhado como estas em que os culpados sejam punidos. "Time" terá coragem de confessar seu erro ou manterá sua fábula inspirada no livro "O americano feio"?

A maior falseta do ano foi a que o Tribunal de Contas fez com os escritores premiados pelo Instituto Nacional do Livro. Aborrecidos, talvez, com uma entrevista precipitada do Sr. Santos Pereira, diretor do I. N. L., os ministros deixaram o dinheirinho dos escritores cair na triste condição de "restos a pagar"; e os prejudicados, no fim, foram inocentes como o poeta Paulo Mendes Campos, que poetou em vão, pois ganhou mas não levou o prêmio oficial. De um poeta não se pode dizer o mesmo que de um passarinho (que sem alpiste não canta), mas é um feio ato dos senhores ministros, esse de tirar as castanhas e o vinho ao bom poeta mineiro; que o remorso lhes estrague as festas!